
DISCURSOS E ARGUMENTAÇÃO EM MEMÓRIAS QUE CONSTITUEM O AÇUDE PÚBLICO 25 DE MARÇO¹

DISCOURSES AND ARGUMENTATION IN MEMORIES THAT CONSTITUTE THE PUBLIC WEIR 25 DE MARÇO

Sueilton Junior Braz de Lima²
Gilton Sampaio de Souza³
Lorraine de Souza Pereira⁴
Rosa Leite da Costa⁵

Resumo: *Este artigo tem por objetivo analisar discursos sobre o Açude 25 de Março, produzidos por trabalhadores do século XX, em entrevistas, nas quais eles tratam de experiências de vida, de trabalho e de lazer, vinculando-as ao açude em questão, que é localizado no bairro Riacho do Meio, em Pau dos Ferros, cuja construção foi iniciada na época do império. A fundamentação teórica tem como base os estudos sobre memória coletiva e individual (HALBWACHS, 1990) e sobre argumentação retórica (PERELMAN; OLBRESCHTS-TYTECA, 2014). Para tanto, constituiu-se o corpus desta pesquisa por excertos de discursos de dois trabalhadores e de quatro trabalhadoras, todos com mais de 70 anos de idade, e que residiam às margens do Açude 25 de Março, em meados do século XX. O artigo está amparado em pesquisa de campo e documental, com estudo de corpus, observando como as memórias individuais e coletivas sobre o Açude 25 de Março são construídas e como os oradores (entrevistados) utilizam os recursos de presença na construção da argumentação em seus discursos. Nas entrevistas analisadas, os resultados dão ênfase às atividades realizadas por esses trabalhadores e aos modos de vida de meados do século XX, nas localidades próximas ao Açude 25 de Março e ao bairro Riacho do Meio, cujas vidas são constituídas e se misturam com as histórias do bairro e do próprio açude.*

Palavras-chave: *Discurso e argumentação; Memórias; Açude 25 de Março.*

Abstract: *This article aims to analyze discourses about the Weir 25 de Março, produced by 20th century workers and collected through interviews. In their narratives, they deal with life, work and leisure experiences, linking them to the weir, which is located in the neighborhood of Riacho do Meio, in Pau dos Ferros, and whose construction began during the empire. The theoretical framework is based on studies about collective and individual memory (HALBWACHS, 1990) and about rhetorical argumentation (PERELMAN; OLBRESCHTS-TYTECA, 2014). For that, the corpus of this research was constituted by excerpts from speeches by two male workers and four female ones, all of them aged seventy years or over, and who used to live on the banks of the Weir 25 de Março, in the middle of the 20th century. The methodology consists field and desk research, with a corpus study, verifying how the individual and collective memories about the Weir 25 de Março are constructed and how the (interviewed) speakers use the resources of presence in the construction of the argumentation in their discourses. In the analyzed interviews, the results emphasize the activities carried out by those workers and*

¹ Dedicamos este artigo à colaboradora Maria do Socorro Rêgo, Dona Baía (*in memoriam*), que teve toda sua vida marcada e vinculada ao Açude 25 de Março.

² Docente do Departamento de Letras Vernáculas (DLV) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Pau dos Ferros. Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UERN. Pau dos Ferros, Brasil, e-mail: sueilton-pdf@hotmail.com

³ Docente do Departamento de Letras Estrangeiras (DLE) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Pau dos Ferros. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Pau dos Ferros, Brasil, e-mail: giltonssouza@gmail.com

⁴ Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pau dos Ferros, Brasil, e-mail: lorraineanjo@hotmail.com

⁵ Docente do Departamento de Letras Vernáculas (DLV) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* Pau dos Ferros. Doutoranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UERN. Pau dos Ferros, Brasil, e-mail: rs_leitejc@hotmail.com

the way of life of the mid-twentieth century, in the localities near the Weir 25 de Março and the neighborhood Riacho do Meio, whose lives are constituted and are mixed with the stories of the neighborhood and weir itself.

Keyword: *Discourse and argumentation; Memories; Weir 25 de Março.*

1 Introdução

Em Pau dos Ferros, na região do semiárido nordestino, marcada por grandes estiagens que provocavam fome, sede e morte, foi construído o primeiro açude público, na hoje conhecida por região do Alto Oeste Potiguar. O Açude 25 de Março, que foi planejado para trazer água para a então “Villa” de Pau dos Ferros, ainda no Brasil Imperial, trouxe também desenvolvimento, esperança ao povo e se tornou fator preponderante para a constituição e crescimento do bairro Riacho do Meio, às margens do Açude 25 e do próprio município (vila, na época da criação) de Pau dos Ferros. Alguns dos efeitos desse açude sobre algumas pessoas, hoje já idosas, estão nas memórias e discursos que são objeto de estudo deste artigo.

Em regiões do semiárido brasileiro, já no século XIX, era comum a construção de açudes e barragens públicas na tentativa de se prevenir da escassez de água em períodos não chuvosos. A construção de reservatório de água, a exemplo do Açude 25 de Março, atraiu muitas pessoas às suas margens, formando povoados e comunidades que viam a localidade como um lugar para viver, como oportunidade de trabalho e como meio para produzir o sustento de suas famílias. A sobrevivência às margens do Açude 25 de Março proporcionou às famílias que ali residiam várias experiências e acontecimentos que fundamentam muitas histórias de vida. Essas histórias se constituem mediante memórias individuais imbricadas às memórias coletivas dos trabalhadores entrevistados que, com recursos de presença, constituem argumentos e ilustram discursos sobre o trabalho árduo das lavadeiras, dos vazanteiros e de criadores de animais, passando pelo abastecimento de água e pela resistência à seca, até os momentos de diversão e lazer nos banhos de açude. Articulam-se, na análise desses discursos de trabalhadores e trabalhadoras do século passado, as lembranças dos idosos, que se constituem memórias, com narrativas e ilustrações, que se constituem argumentos.

O objetivo deste artigo é analisar discursos produzidos por trabalhadores do século XX, todos com mais de 70 anos de idade, que tratam de experiências de vida, de trabalho e de lazer relacionadas ao Açude 25 de Março⁶. Em especial, interessa-nos interpretar, nesses

⁶ Uma primeira versão deste artigo, em formato de texto completo para discussão em evento, foi apresentada no GT “CULTURA, MEMÓRIA E IDENTIDADE”, durante o I ENCONTRO NACIONAL DE PLANEJAMENTO URBANO-REGIONAL NO SEMIÁRIDO” (ENAPUR), na UERN, *Campus* de Pau dos

discursos, como as memórias se constroem, se individual, se coletiva; e os recursos de presença que contribuem para os processos argumentativos desses discursos. Para tanto, realizamos, com esses colaboradores, entrevistas, em áudio e vídeo, gravadas em suas próprias residências, no ano de 2016, mediante consentimento de cada um deles que, após serem informados sobre os objetivos da pesquisa e feitos todos os esclarecimentos possíveis, também assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As entrevistas foram também autorizadas e acompanhadas por familiares e, como forma de valorização às histórias de vidas dessas pessoas, ao encantamento e à beleza que elas dão aos discursos e às suas histórias no momento das entrevistas, optamos por não omitir suas identidades e suas histórias, registrando o nome de cada uma delas, com todo respeito à integridade pessoal e cidadã, ao lado do excerto do discurso que de cada uma utilizamos. O *corpus* da pesquisa é constituído por trechos de entrevistas de dois senhores e de quatro senhoras que residiam às margens do Açude 25 de Março, em meados do século XX. Este trabalho está vinculado à linha de pesquisa “Estudos em argumentação, retórica e discurso”, do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus* de Pau dos Ferros e, também, à linha de pesquisa “Discurso, Memória e Identidade”, dos cursos de mestrado e doutorado, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UERN.

Os estudos da argumentação retórica em textos de diferentes gêneros, assim como a articulação entre elementos dos processos argumentativos com questões de identidade e de memórias, individuais e coletivas, têm sido foco de pesquisas institucionais e formativas dos membros do GPET, com artigos publicados em periódicos científicos, tais como Alves e Souza (2016), Souza, Costa, Sá e Alves (2016), Souza, Costa e Moreira (2017), Souza, Sousa e Moreira (2016), Souza, Costa e Barbosa Junior (2012), entre outros. Nesses trabalhos, a relação entre argumentação e discurso é analisada em *corpus* diversos e em diálogo teórico-metodológico com outras teorias, estabelecendo relações com estudos de identidade e de memória.

Neste artigo⁷, além dos nomes reais dos colaboradores, trazemos os codinomes de como eles são conhecidos na comunidade em que residem, como forma de dar visibilidade a

Ferros, em 2016. Após discussões no GT, o texto foi reformulado e ampliado para publicação como artigo científico neste periódico.

⁷ O *corpus* analisado neste artigo é um recorte do *corpus* constituído para a Dissertação de Mestrado, intitulada “Discursos que constituem a comunidade do Riacho do Meio: argumentação em lembranças de velhos”, de Sueilton Junior Braz de Lima, defendida em 2017, junto ao Curso de Mestrado Acadêmico do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da UERN.

essas pessoas, já idosas, cujas histórias de vidas se misturam às histórias da própria comunidade em que vivem. Esse procedimento é possível dentro dos princípios éticos da pesquisa por História Oral, mediante autorização dos próprios colaboradores, em atendimento às orientações apresentadas por Silveira (2007). Posposto ao primeiro, outro critério que nos permite divulgar os nomes dos colaboradores é o próprio conteúdo das entrevistas, que não constrange, em sentido algum, o entrevistado, pessoas da comunidade e autoridades. Assim, por considerarmos esses senhores e senhoras colaboradores da pesquisa como essenciais para conhecimento e valorização da história do Açude 25 de Março, achamos por bem referenciá-los como verdadeiros autores das memórias e discursos sobre o Açude 25 de Março, corroborando para a construção da identidade deste importante reservatório de água.

Colaboraram para essa pesquisa as senhoras Adalcina Pontes do Nascimento (vulgo Dona Adelça), Cíça Maria da Conceição (Dona Ciça Preta), Francisca de Souza Rêgo (Dona Francisca) e Maria do Socorro Rêgo (Dona Baía), e os senhores Joel Pereira da Silva (Seu Joel) e Milton Bezerra da Silva (Seu Milton). Dona Adalcina, de 80 anos⁸, reside no bairro Riacho do Meio desde criança, é aposentada e trabalhou como professora na escola pública do bairro, construiu família e participa de grupos religiosos da comunidade. Dona Ciça Preta, de 101 anos, depois de ter ficado órfã de pais, veio para o Riacho do Meio ainda criança, morar com suas tias. Ainda hoje reside no bairro. Mulher negra, nascida no momento em que o país ainda vivia com o ranço da escravatura, trabalhou em roças, vazantes, engenhos, casas de família e na lavagem de roupa para garantir o sustendo de seus filhos, que os criou sozinha. Dona Francisca, de 77 anos, nasceu na localidade em que hoje é a comunidade Riacho do Meio, viveu toda sua infância e adolescência no bairro, até se casar, ainda jovem, com Seu Milton e ir morar às margens do açude, no sítio Alagoinha, onde criou sua família e vive até hoje. Dona Baía, de 79 anos, nascida na comunidade Riacho do Meio, tem sua história familiar toda vinculada à localidade, desde quando este ainda era zona rural, com poucas residências. Aposentada como professora da rede pública, atuou também como secretária geral da escola da comunidade. Residiu durante maior parte de sua vida no Sítio Alagoinha, zona rural, e às margens do Açude 25 de Março. Faleceu no dia 22 de setembro de 2017, aos 80 anos.

Além dessas quatro senhoras, temos, ainda, Seu Joel, de 81 anos, agricultor aposentado, paraibano, que veio para Pau dos Ferros, especificamente para a comunidade Riacho do Meio, ainda jovem, trabalhar nas Frentes de Emergência (trabalho coletivo

⁸ A idade dos entrevistados (colaboradores da pesquisa) refere-se à época em que concederam as entrevistas, entre fevereiro e junho de 2016.

propiciado pelo governo em épocas de estiagens). Fixou residência no bairro, construiu família e nele vive até hoje. Seu Milton, de 75 anos, natural do município de Portalegre/RN, aposentado como agricultor, veio para o sítio Alagoinha ainda adolescente morar com seu avô. Neste sítio, às margens do Açude 25 de Março, trabalhou em vazantes e criação de animais, tirando das águas e vazantes⁹ todo o sustento da família. Vive até hoje no mesmo lugar. A seguir, fotos cedidas pelos colaboradores, de seus arquivos pessoais.

Figura 1 – Colaboradores da pesquisa



Dona Adelça

Dona Ciça Preta

Dona Francisca

Dona Baía

Seu Joel

Seu Milton

Fonte: Arquivo pessoal cedido pelos colaboradores.

Para a fundamentação teórica deste artigo, recorremos aos pressupostos sobre memória coletiva e individual de Halbwachs (1990) e à noção de recursos de presença da Nova Retórica, com base em Perelman e Olbreschts-Tyteca (2014). Para desenvolvermos a metodologia da pesquisa, apoiamos-nos nas orientações de Silveira (2007) sobre História Oral, e para escrever o percurso histórico do Açude 25 de Março, recorremos a fontes de história do município de Pau dos Ferros, tais como Freitas (1956), à Revista Comemorativa do Bicentenário da Paróquia e Centenário do município de Pau dos Ferros (1956), entre outros.

Este trabalho, além das considerações iniciais, é constituído por cinco outros tópicos. Primeiro, fazemos um breve histórico sobre o Açude 25 de Março. Logo após apresentamos os fundamentos teóricos sobre memória e sobre os recursos de presença. As análises vêm em seguida, ordenadas pelas categorias empíricas, a saber: o açude e a produção de alimentos; o açude e as lavadeiras; o açude e o abastecimento de água; o açude e o lazer; e o açude e as secas. As considerações finais retomam todo o trabalho, enfatizando os principais resultados.

⁹ Termo utilizado na região Nordeste do Brasil para definir áreas de terra, às margens de açudes ou em partes baixas de rios e riachos, nas quais se cultivam plantações em períodos de estiagem.

2 O Açude 25 de Março

A primeira ação administrativa para a construção do Açude 25 de Março ocorreu ainda no Brasil Império, em 1888, com encontros e discussões em ruas da “Villa” de Pau dos Ferros. Segundo dados históricos, “a Câmara municipal, em sessão de 26 de abril, dirigiu-se ao Presidente da Província, expondo a situação angustiante dos habitantes” que enfrentavam a falta d`água, em virtude dos sucessivos anos de seca na região e, para resolvê-la, sugeriu “a construção de um açude nas proximidades da vila no lugar denominado Riacho do Meio” (PAU DOS FERROS, 1956, p. 25).

Segundo essa mesma fonte, os trabalhos de construção foram iniciados em 1889 e, no ano de 1894, já no Brasil republicano, foram intensificados, com a construção da parede. Nesta época, para a construção, já tinha sido eleita uma comissão formada pelo Juiz de Direito da Comarca, pelo presidente da intendência¹⁰ e pelo Coletor de Rendas Estaduais, da época. Essa comissão foi responsável por firmar junto ao empreiteiro da época, em 02 de outubro de 1895, um acordo que consistia em concluir no ano seguinte a parede do açude já iniciada, o que não ocorreu, e somente em 1897 o açude foi inaugurado, no dia 25 de março, de onde veio, portanto, a origem do nome. Em 1915, em virtude de uma grande seca, o Governo Federal iniciou o aumento da parede do açude e o incorporou ao Patrimônio da União.

Para reforçamos o contexto histórico-social bem como o espaço físico e geográfico em que se davam os acontecimentos narrados pelos colaboradores da pesquisa, apresentamos, nas figuras 01 e 02, imagens do Açude 25 de Março, e fazemos, logo após, uma síntese da história de sua construção e de sua relação com Pau dos Ferros e região.

¹⁰ Intendência – Após a Proclamação da República, em 1889, foram criadas as intendências municipais, responsáveis pelo poder executivo municipal.

Figura 02 – Imagem aérea do Açude 25 de Março (2010). Parte baixa da foto, Riacho do Meio; ao fundo, centro de Pau dos Ferros e serrote do Jatobá



Fonte: Foto feita por Franskin Leite, fotógrafo profissional de Pau dos Ferros (Cedida).

Figura 03 – Imagem da parede do Açude 25 de Março com reservatório quase seco (2016). Ao fundo, o bairro Riacho do Meio.



Fonte: Foto feita pelo professor Gilton Sampaio (arquivo particular).

Segundo Freitas (1956, p. 39), esse açude “encontra-se no Riacho do Meio, justamente na confluência dos riachos: do Meio e da Lagoinha [sic], nos arredores da cidade”. Essa descrição compreende a faixa territorial que ocupa o açude. Na época da construção do 25 de Março, o Riacho do Meio era tido como local distante da sede de Pau dos Ferros, e foi sua localização, na confluência dos riachos, que determinou a construção do açude que chega até ao Sítio Alagoinha.

Souza (1999), em livros de memórias e se referindo ao Açude 25 de Março no ano de 1938, assim descreve:

Minha avó chamava-se Francisca Liberalina de Souza (conhecida por Dona Chaguinha) e era irmã de meu avô paterno Hipólito Cassiano de Souza. Os netos a tratavam apenas por Madrinha. [...] Madrinha morava às margens do grande açude público (atual Barragem 25 de Março), no trecho conhecido por Riacho do Meio, aos dois quilômetros do centro da cidade, numa casa caiada, de piso de tijolo e chão batido, uma porta e uma janela na frente. [...].

O açude ficava num dos lados da casa de onde se podia ver uma nesga. E entre ele e a casa passava uma estrada. O açude abastecia a cidade e nele lavava-se roupa. Era intenso o vaivém de pessoas transportando água em latas, cabaças e pequenos potes equilibrados na cabeça, sobre rodilhas. Utilizavam também ancoretas postas no lombo de jumentos e pipas de madeira instaladas em carroças puxadas por bois e burros. À tarde, rebanhos de gado eram trazidos aos bebedouros. Lavadeiras passavam com bojudas trouxas na cabeça.

Madrinha não tinha vizinhos. Na casa mais próxima, a uns duzentos metros, encostada no sangradouro, morava seu Bernardo. Eu o tinha como o dono do açude, mas apenas o administrava, como funcionário público. [...].

Os homens banhavam-se no açude, nus ou de cueca, e assustavam os meninos, dizendo-lhes que os peixes iam arrancar-lhes a piroca. (p. 5-10).

Às margens do 25 de Março, muitas famílias se instalaram, além de outras que já habitavam. Conforme narram Souza (1999), os colaboradores da pesquisa e outras fontes consultadas, o açude foi o cenário onde as pessoas da comunidade Riacho do Meio e população ribeirinha trabalhavam pela subsistência, durante décadas a fio, na utilização da água para beber, trabalhar e para irrigações agrícolas. Ele era também a principal fonte direta de alimentação, proveniente da piscicultura, horticultura, avicultura, fruticultura, agricultura e pecuária. Essas atividades abasteciam Pau dos Ferros e, por meio da Feira Livre deste município, também parte das cidades do Alto Oeste Potiguar. O açude oferecia, ainda, espaço de trabalho para as lavadeiras de roupas e, até hoje, vidas e histórias são edificadas às suas margens.

Essa referência ao papel econômico e de sobrevivência exercido pelo 25 de Março também é encontrada em livros do século passado: “Além da utilização de suas terras marginais para plantio de “vazantes”, serve de principal fonte de abastecimento d’água à população citadina. É muito piscoso”. (FREITAS, 1956, p. 40-41). Nas palavras de Freitas, vemos a riqueza trazida pelas águas, que matam a sede da população e, principalmente, produzem alimentos no seu entorno, provendo várias necessidades da população.

Em 1942, também em virtude de uma seca, foi feita a primeira pavimentação em pedra, na lateral interna da parede do Açude 25 de Março, sendo reconstruída em 1951, pela administração municipal, o que trouxe de volta o patrimônio para o município (PAU DOS FERROS, 1956, p. 90). É, portanto, esse açude o foco das histórias que perpassam os discursos e as memórias dos trabalhadores do século passado, objeto de nossas reflexões.

3 Memória individual e memória coletiva

Com base nos estudos de Le Goff (2013), podemos definir memória como uma capacidade humana responsável pelo armazenamento de lembranças do passado, de experiências vividas por um indivíduo ou grupos sociais. Isto é, a memória faz parte de um conjunto de funções psíquicas, por meio das quais o homem pode atualizar informações passadas. Atualmente, existem várias teorias e pesquisas que se propõem a estudar memória, desde aquelas desenvolvidas na área da saúde, que tentam explicar neurologicamente o funcionamento das lembranças e das doenças relacionadas a elas, até as pesquisas desenvolvidas nas ciências sociais e humanas, que tentam interpretar as mudanças e os modos de vida dos grupos sociais por meio de suas memórias individuais e coletivas, conceitos que explicitaremos no decorrer deste tópico.

Com base no pressuposto de que para lembrar de algo é necessário que haja a presença de um acontecimento e de alguém que esteve envolvido nele, é que Halbwachs (1990) define a noção de memória individual. Para o sociólogo, a memória individual se dá quando há a participação de uma pessoa, seja como autor ou ouvinte, em um fato que aconteceu no passado e que esse participante consiga guardar e relatar o ocorrido. Assim, temos a memória individual como uma capacidade de armazenamento de informações que são relatadas com base no ponto de vista de um determinado indivíduo.

Ainda de acordo com Halbwachs (1990, p. 54):

Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio. Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros.

Desse modo, segundo o autor, tanto a memória individual quanto a memória coletiva dependem uma da outra, já que a memória individual assimila todas as contribuições externas, que são proporcionadas pela memória coletiva, para que sejam preenchidas todas as lacunas das lembranças, tornando-as lembranças mais exatas. Ou seja, a memória individual é construída e influenciada pela memória coletiva, uma vez que é necessário recorrer às palavras e ideias (re)vividas pelo grupo social. Isso porque não é preciso haver apenas os testemunhos das memórias, é preciso que haja concordância entre as lembranças apresentadas por um e por outro para que possa ser construída uma base comum.

Percebemos, pois, que Halbwachs (1990) apresenta uma perspectiva para a noção de memória, expondo os traços sociais que a compõem. Para ele, mesmo que seja uma lembrança particular, ela sempre se remeterá a um grupo, pois o indivíduo sempre estará interagindo em sociedade e, assim, será uma memória coletiva, mesmo que se trate de evento que somente um indivíduo participou, uma vez que suas lembranças também estarão enraizadas a outros diferentes contextos.

Nesse sentido, a construção da memória é uma combinação de várias outras memórias de grupos diversos, dos quais um indivíduo participa e sofre influências (LEAL, 2012), seja em grupo de trabalho, amigos, escola, seja em família. Dessa forma, o indivíduo será participante de ambas as memórias – individual e coletiva – devido ao funcionamento da memória individual não ser possível sem a busca de referências no seu ambiente. Dessa

forma, a memória coletiva se apresenta como força subjetiva, profunda, ativa, penetrante, oculta e invasora que nos constitui e modifica a forma que vemos o mundo.

As memórias e as lembranças de velhos têm recebido maior atenção nas pesquisas científicas a partir, sobretudo, dos estudos desenvolvidos por Bosi (1994, p. 55) que, ao retomar Halbwachs, estabelece uma relação entre lembranças e memórias do passado, destacando que, ao trazer ao presente uma realidade do passado, um novo ponto de vista é construído sobre o próprio passado:

O caráter livre, espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, *no presente*, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. [...] Halbwachs amarra a memória da pessoa à memória do grupo. (grifo da autora).

Bosi (1994), ao se referir à memória e às lembranças de velhos na sociedade, diz que lembrar é reviver, refletir, refazer, não pela mera repetição dos fatos, mas reviver o que se passou, acrescentando intensidade, emoções, novas experiências, refletir sobre o que são e o que serão - e seus grupos sociais -, refazer-se, apresentando seus valores e crenças. “Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito” (BOSI, 1994, p. 25). Em síntese, nos estudos em análise neste artigo, não nos é possível pensar lembranças dissociando-as das noções de memória individual e de memória coletiva, mesmo que resguardando as especificidades epistemológicas. As lembranças são partes constitutivas de uma memória, são particularidades dos sujeitos discursivos que, entrelaçadas, constituem memórias.

4 A Nova Retórica, o discurso e os recursos de presença

A Nova Retórica é uma proposta teórica desenvolvida por Perelman com colaborações de Olbrechts-Tyteca, em que os estudos da argumentação são realizados com base em princípios aristotélicos como, por exemplo, na noção de dialética e de auditório. Na Nova Retórica (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014), os autores propõem, como questão central de toda argumentação, os elementos e os recursos argumentativos de que faz uso o

orador para convencer o ouvinte da validade de suas teses. Para eles, todo orador objetiva a adesão de seu auditório à tese defendida, já que “é em função de um auditório que qualquer argumentação se desenvolve” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 6).

A argumentação, na perspectiva da Nova Retórica, ou argumentação retórica, como popularmente se costuma defini-la, visa a convencer e/ou persuadir o auditório da validade dos argumentos e/ou da tese defendida, assim como está presente em qualquer discurso, oral ou escrito, nos mais diferentes gêneros e esferas da comunicação humana. O discurso se define nessa perspectiva (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014) como espaço de produção e de circulação de sentidos, espaço em que se dão os processos argumentativos, no qual se encontram as interações entre orador, auditório e contexto de produção da linguagem. É o espaço em que a dimensão dialógica e dialética da linguagem se efetiva, por isso mesmo, para esses autores, todo discurso é um diálogo entre oradores e auditórios, os sujeitos do discurso. Todo discurso é, em sua constituição, essencialmente argumentativo.

Em linhas gerais, com base na teoria da Nova Retórica, trabalhamos a categoria de *recursos de presença* como sendo aquela utilizada na argumentação para dar mais sustentação aos argumentos e aos valores mobilizados. Esses recursos podem apresentar-se ora como uma história fictícia ou real, ora como elementos ou objetos quaisquer que possam impressionar, que as narrativas sobre eles possam causar algum impacto nas percepções do auditório sobre o que defende o orador, sendo essas características dos recursos de presença destacadas pela Nova Retórica.

A presença atua de um modo direto sobre a nossa sensibilidade. É um dado psicológico que, como mostra Piaget, exerce uma ação já no nível da percepção: por ocasião do confronto de dois elementos, por exemplo, um padrão fixo e grandezas variadas com os quais ele é comparado, aquilo em que o olhar está centrado, o que é visto de um modo melhor ou com mais frequência é, apenas por isso, supervalorizado. [...].

A presença não é, pois, vinculada exclusivamente à proximidade no tempo, conquanto esta constitua um elemento essencial seu. Há que observar, aliás, que o esforço para tornar presente à consciência pode referir-se não só a um objeto real, mas também a um juízo ou a todo um desenvolvimento argumentativo. Esse esforço visa, na medida do possível, fazer que se ocupe, com essa presença, todo o campo da consciência e isolá-lo, por assim dizer, do conjunto mental do ouvinte. (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014, p. 132; 135).

Os recursos de presença atuam na argumentação do orador como elementos argumentativos capazes de modificar e fortalecer a tese defendida pelo orador e, na percepção do auditório, como um dado que sobreleva os argumentos centrais do discurso. Os recursos de presença podem se efetivar sob diferentes mecanismos: por um relato de um acontecimento, por uma descrição, por relatos de experiências, por uma ilustração, por um caso particular ou

simplesmente por citar algo impactante de conhecimento geral do auditório, que se acredite estar nas memórias coletivas e que possa ser rapidamente recuperado pelas lembranças individuais, que se possa fazer presente no discurso, em toda sua dimensão sociointeracional. Portanto, considerando os objetivos pretendidos com este trabalho, analisamos os recursos de presença evidenciados nos discursos de idosos trabalhadores do século XX sobre memórias do Açude 25 de Março em Pau dos Ferros.

5 O Açude 25 de Março se faz presente em memórias de trabalhadores do século XX

Para a análise do *corpus*, trazemos excertos de discursos que permeiam as entrevistas, organizados em categorias empíricas advindas dos discursos analisados (e também os mais citados pelos colaboradores) e que apontam para elementos das memórias desses trabalhadores, a saber: o açude e a produção de alimentos; o açude e as lavadeiras; o açude e o abastecimento de água; o açude e o lazer; e o açude e as secas. Os colaboradores da pesquisa, senhores e senhoras que nos cederam as entrevistas e expuseram seus pontos de vista sobre diferentes aspectos, construindo teses e argumentos que dão sentido e valores diversos ao Açude 25 de março, serão aqui referidos também como oradores, tendo em vista que, para a Nova Retórica, todo sujeito discursivo, falante ou escritor, é também o orador do discurso.

O primeiro excerto é uma lembrança da senhora Maria do Socorro Rêgo, Dona Baía, de 79 anos, conforme apresentado no quadro a seguir, que narra sobre a produção de alimentos, plantações de frutas e o cultivo de cana de açúcar às margens do Açude 25 de Março.

Quadro 1: Memórias de Dona Baía sobre a produção de alimentos

O AÇUDE E A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS	
Dona Baía	Lá no açude 25 de março, devido às vazantes que tinham no açude, tinha muita banana. Plantavam, consumiam e sempre vendiam banana. Essas frutas caseiras mesmo, goiaba, manga... E mamãe mandava [...] comprar muita banana lá. Tinha plantio de cana, porque a gente rodeava assim pela estrada, aí passava pela vazante, pela beira da cerca. Aí pra cá, pro lado da parede, era a vazante de cana.

É possível perceber, nas memórias de Dona Baía, que em torno do Açude 25 de Março, em meados do século XX, era um local de grandes plantações de frutas e vazantes de cana-de-açúcar. A colaboradora deixa claro que não fazia parte da produção, mas que

comprava as frutas, apontando que, na época, na localidade, havia o cultivo das plantações, tanto para o consumo próprio dos agricultores quanto para a comercialização na comunidade.

Vemos, também, nas memórias de Dona Baía, utilizando-nos de uma terminologia de Halbwachs (1990), o entrelaçamento da memória individual com a memória coletiva, uma vez que, ao lembrar-se das plantações de frutas e vazantes de cana-de-açúcar, a oradora utiliza da memória individual, mas quando diz que “E mamãe mandava nós comprar muita banana lá”, Dona Baía inclui outro indivíduo, no contexto do acontecimento, que, por meio de afetividade e vínculo familiar, resgata outras lembranças necessárias para o testemunho, configurando, assim, uma memória coletiva. O discurso de Dona Baía deixa de ser exclusivamente um testemunho, que parte de um determinado ponto de vista, e passa a ser uma memória que recorreu às imagens de outro indivíduo, neste caso, de sua mãe, para reforçar e ilustrar o evento.

Ainda sobre o primeiro excerto, podemos notar que, para ilustrar sua memória e reforçar a tese de que havia muita produção de frutas nas margens e por trás da parede do Açude 25 de Março, Dona Baía diz que “Tinha plantio de cana, porque a gente rodeava assim pela estrada, aí passava pela vazante, pela beira da cerca. Aí pra cá, pro lado da parede, era a vazante de cana”. Dessa forma, a colaboradora recorre aos recursos de presença, por meio da ilustração do espaço (o açude, a parede do açude, a vazante) e, ainda, quando descreve pontualmente o ambiente e narra acontecimentos, citando objetos e personagens, ao mesmo tempo em que traz as imagens de como era o espaço em que as narrativas aconteciam. Desse modo, a utilização de uma ilustração, a descrição do ambiente, os acontecimentos e as pessoas que os testemunharam trazem maior visibilidade à tese defendida pela oradora, de que havia muita produção de frutas às margens do açude.

O segundo e o terceiro excertos fazem parte, respectivamente, das memórias da senhora Ciça Maria da Conceição, Dona Ciça, de 101 anos, e da senhora Adalcina Pontes do Nascimento, Dona Adalcina, de 80 anos, sobre o trabalho das lavadeiras nas margens do açude. Enquanto Dona Ciça traz lembranças de quando trabalhava como lavadeira para sustentar os filhos, Dona Adalcina faz relatos como uma observadora que presenciava, quando criança, o trabalho braçal das lavadeiras.

Quadro 2: Memórias de Dona Ciça Preta e Dona Adalcina sobre as lavadeiras.

O AÇUDE E AS LAVANDEIRAS	
Dona	Em 70, eu saía daqui do Riacho do meio com as trouxas de roupa, meu filho. Lavar lá naquele rio, por trás do açude. Saía de casa só deixava água

Ciça Preta	no pote, porque eu botava antes de sair. Isso não tinha uma colher de café para tomar, não tinha meio fumo para fumar, não tinha nada. Tinha que lavar para ganhar uns trocados.
Dona Adalcina	O açude 25, eu conheci ele, eu era menina. Mamãe vinha lavar roupa no açude, tava na construção ¹¹ , tinha uma construção muito bonita, era muita gente trabalhando direto lá, e tinha muita lavadeira do lado do açude, era cheio. Era assim, elas lavavam roupa né, aquele ganho, lavavam pra receber de mês em mês, mas o serviço delas era muito pesado porque tinha a lavadeira que pegava roupa pouca, mas tinha casa que juntava roupa sem medida, aí elas passavam o dia todinho lavando roupa, esgotando aquele buraco, tinha delas que só chegava em casa de tardezinha com tanta roupa que era.

Nos excertos acima, percebemos que tanto Dona Ciça quanto Dona Adalcina trazem memórias de mulheres, à beira do Açude 25 de Março, lavando roupas, descrevendo-as como lavadeiras. Notamos, assim, que essas lembranças fazem parte de uma memória coletiva da comunidade, já que são lembranças recorrentes em ambos os relatos, quando se referem ao trabalho das mulheres às margens do açude em meados do século XX. Além disso, quando Dona Adalcina diz que “tinha uma construção muito bonita” e “tinha muita lavadeira do lado do açude”, ela apresenta outra memória coletiva, uma vez que suas lembranças são carregadas de afetividade. Quando a oradora faz referência à “construção muito bonita” e, ainda, quando inclui a imagem de muitas lavadeiras, busca a lembrança de outros indivíduos para reforçar e ilustrar o seu testemunho.

Já em parte da memória de Dona Ciça, ela relata fatos sem a presença de outros indivíduos que deem a exatidão de uma memória coletiva. A história é narrada com base em suas experiências de vida: “saía de casa só deixava água no pote” e “Isso não tinha uma colher de café para tomar”. Esses acontecimentos, dos quais ela mesma era protagonista, caracterizam uma memória individual. Por outro lado, quando utiliza o marco temporal, ao dizer “Em 70”, marcando o período em que, possivelmente, já existiam outras lavadeiras, e o marco espacial, ao relatar “naquele rio, por trás do açude”, apresentando o ambiente que também teriam a presença de outros indivíduos, ela entrelaça sua memória individual com a memória coletiva da comunidade em que vive.

Para reforçarem a tese de que existiam lavadeiras que trabalhavam no Açude 25 de Março para sustentar suas famílias, as oradoras se utilizam, em seus discursos, de recursos de presença, por meio de ilustração de casos particulares e relatos de experiências. Dona Ciça ilustra, com detalhes, como deixava a casa antes de sair, além de expor os motivos que a

¹¹ A construção a que se refere a oradora em seu discurso são obras de recuperações e reformas pelas quais passaram o Açude 25 de Março, desde sua construção inicial.

levavam a trabalhar como lavadeira que, em suas palavras, era porque “não tinha nada”. Já Dona Adalcina prefere delinear o espaço, tornando presente, para quem a escuta, todo o ambiente, com destaque ao trabalho árduo, o longo tempo de trabalho e, às vezes, o pouco dinheiro que as lavadeiras ganhavam.

No quadro 03, temos excertos de discursos com relatos do senhor Joel Pereira da Silva, Seu Joel, de 89 anos, e do senhor Milton Bezerra da Silva, de 75 anos, sobre como era o consumo da água do Açude 25 de Março.

Quadro 3: Memórias de Seu Joel e Seu Milton sobre a água

O AÇUDE E A ÁGUA PARA BEBER	
Seu Joel	A água desse açude [...] bebia muito. Serviu pra lavar roupa. Ninguém podia tomar banho nele, não. Se pegasse uma caba tomando banho aí, ele ia preso. Aí a gente carregava água para beber, pra cozinhar.
Seu Milton	Nesse tempo, a água do açude, eu criei essa família todinha bebendo água do açude. Ninguém nunca adoeceu. [...] Tomava banho dentro, entrava animal, isso é história do povo. Toda vida houve isso de tomar banho e nunca morreu ninguém. [...] Agora nesse tempo não existia esgoto pra dentro do açude

Nos dois excertos acima, vemos a preocupação de ambos os colaboradores em relatar ao seu ouvinte que as águas do Açude 25 de Março eram limpas e podiam ser consumidas sem que houvesse contaminação. Isso fica mais perceptível nas lembranças de Seu Joel, quando ele diz que “Ninguém podia tomar banho nele, não”. Já Seu Milton diz que criou toda sua família bebendo a água do açude e “ninguém nunca adoeceu”. Ao analisar discursos de diferentes oradores sobre o “banho no açude” e interpretá-los na perspectiva de localização e épocas em que eles ali residiam e às quais os discursos se referiam, vemos que não há contradição nesses argumentos, pois, para Seu Milton, por exemplo, que reside na zona rural e se utiliza do açude em local bem distante da comunidade, o ato de tomar banho no açude era comum e todos ali faziam isso. Já para quem morava na comunidade urbana, próximo à parede do açude, o comum (e as orientações) era não tomar banho no açude, pois ali se captava a água de beber, como era o caso de Seu Joel.

Os oradores também trazem aos discursos elementos de memórias coletivas, uma vez que tanto Seu Joel quanto Seu Milton buscam em suas lembranças individuais incluir a presença de outros sujeitos que compartilhavam esses acontecimentos, quando dizem “Aí a gente carregava água” (Seu Joel) e “Criei essa Família todinha” (Seu Milton), destacando que esses acontecimentos foram partilhados com outros indivíduos, como a família de Seu Milton,

por exemplo. Nos dois excertos, os colaboradores trazem, em suas memórias, narrativas em que as águas do 25 de Março eram próprias para consumo. Para tanto, utilizam recursos de presença, como faz Seu Joel “se pegasse o caba tomando banho aí, ele ia preso”, um princípio que pode prevenir a contaminação. Já Seu Milton diz “criei essa família” e “ninguém nunca adoeceu”, utilizando-se do exemplo de uma família já criada, de filhos já adultos, conhecida pelo ouvinte, que não têm nenhuma doença ou enfermidade causada pelo consumo das águas.

Dando prosseguimento a nossas análises, perceberemos que as atividades às margens do Açude 25 de Março nem sempre eram trabalhos intensos, também tinha os momentos de lazer, para os banhos, mesmo que às escondidas, como lembra Seu Joel:

Quadro 4: Memórias de Seu Joel sobre o açude e o lazer

O AÇUDE E O LAZER	
Seu Joel	O caba num podia tomar banho nesse açude, não. Quando pegava um tomando banho, pegavam a roupa dele e entregava para a polícia. Mas eu tomei muito banho aqui, de noite, mas era... como era? Trazia uns galões de água, quando chegava no açude cai com galão com tudo dentro d'água, fazia era mergulho. Toda madrugada eu colocava três caminhos d'água, três caminhos d'água. Aí, eu quando queria tomar um banho, no derradeiro galão, só era cair com galão com tudo dentro d'água. Se o cabra chegasse e dissesse: Mais rapaz você está tomando banho? Aí eu dizia: Não. Eu caí aqui no buraco. Com roupa com tudo, né?! Eu não tirava a roupa, num tinha como eles saberem. Mas, cansei de tomar banho aí, de madrugada. A mulher ia fazer o café e eu ia buscar água, quando eu chegava o café ainda não estava feito, aí eu ia buscar mais água, aí eu aproveitava (risos).

Seu Joel relata em seu discurso que, mesmo sendo proibido tomar banho no açude, ele se banhava, à noite, fingindo que havia caído em um buraco, o que, segundo ele, despistava a ordem de não poder tomar banho ali. Ao testemunhar esse evento, Seu Joel ilustra, através de uma memória coletiva, a proibição de banhistas para prevenir a poluição das águas que serviam para a produção de vazantes e das lavandeiras, mas que sempre tinha alguém que se banhava às escondidas. Assim, o orador corrobora a memória coletiva da comunidade urbana que utilizava as águas do Açude 25 de Março para consumo humano, uma vez que ele se ancora em narrativas de outros indivíduos que já haviam sido pegos se banhando, quando diz “Quando pegava um tomando banho, pegavam a roupa dele e entregava para a polícia”, para reforçar o seu argumento de que não era permitido banhista. O entrelaçamento da memória individual de Seu Joel com a memória coletiva se dá, também, quando ele cita sua mulher, que fazia o café enquanto ele trazia os “caminhos d'água”. No excerto acima, o orador

também se utiliza do recurso de presença por ilustração, já ele conta como fazia para que não fosse visto tomando banho no açude, já que era proibido.

Nos próximos excertos, vemos que, durante alguns anos, a comunidade que vivia às margens do Açude 25 de Março, enfrentou grandes períodos de estiagem, obrigando aos moradores buscar outros meios de sobrevivência e de resistência à seca, captando água em cacimbas¹², no porão e leito do açude.

Quadro 5: Memórias de Dona Francisca sobre as secas

O AÇUDE E AS SECAS	
Dona Francisca	Tinha umas cacimbas que tinha água porque todos os anos tinha inverno abundante. Em 59, 58 foi seco, não tinha esse negócio de barragem, mas recuperou, aí em 70 [...] as cacimbas. Cavava e dava, aí esse ano cavaram e não deu nada. Vem diminuindo, né? se acabando, se acabando, se esse ano tá desse jeito o ano que vem vai ser pior porque não tem.

É perceptível, nas lembranças de Dona Francisca, logo de início, o entrelaçamento da memória individual com a memória coletiva, já que a colaboradora recorre ao marco temporal para citar as datas em que enfrentaram os períodos secos. Assim, ao dizer que “foi seco”, no ano de 59 e no de 58, a colaboradora cita casos/datas particulares, trazendo períodos em que possivelmente outros indivíduos estavam envolvidos nos acontecimentos. Ela recorre a narrativas daqueles indivíduos que, logo, tornam sua memória uma memória da comunidade, portanto, coletiva. Dona Francisca traz, ainda, em sua memória, um dado importante, ao dizer que “em 59, 58 foi seco, não tinha esse negócio de barragem”. Deste modo, a colaboradora afirma que nos anos de 1959 e 1958 ainda não existia a barragem de Pau dos Ferros, o que levava a comunidade a recorrer ao Açude 25 de Março. Esta informação se confirma com dados históricos e com outras narrativas sobre a construção do açude e da barragem.

Dona Francisca, para reforçar suas memórias e mostrar o quanto foi difícil conviver com a estiagem nesses anos, ainda se utiliza dos recursos de presença, ao relatar que “tinha umas cacimbas que tinha água porque todos os anos tinha inverno¹³ abundante. Em 59, 58 foi seco”. Assim, a colaboradora, através de referências a casos particulares, que ilustram o fenômeno da seca naquela época, torna presente à imaginação do seu auditório as imagens de um inverno abundante, com o açude e as cacimbas cheias, para ser comparado com os anos

¹² Cacimba é nome popularmente dado ao buraco escavado em leitos de rio e porões de açude secos com a finalidade de se obter água. Diferente de poços tubulares, por exemplo, as cacimbas são geralmente provisórias, rasas e escavadas artesanalmente em terrenos arenosos.

¹³ Inverno aqui é utilizado no sentido popular a que se referem as pessoas que vivem no semiárido nordestino. É o período do ano em que ocorrem as chuvas, que, nesse caso, não necessariamente acontece todos os anos.

posteriores de muita seca e sem cacimbas com águas, fazendo com que o ouvinte possa ter a noção das dificuldades enfrentadas por ela e sua família.

Nas análises dos discursos dos oradores sobre o Açude 25 de Março, os elementos trazidos, em suas narrativas, dão sentidos e identidades a esse reservatório hídrico público de Pau dos Ferros. São discursos recortados de memórias, individuais e coletivas, que convergem na defesa e valorização do açude e na dimensão argumentativa de seus discursos, com destaque para os usos dos recursos de presença que trazem aos ouvintes diferentes argumentos e valores do açude, como fonte d'água para consumo, espaço de trabalho, de produção de alimentos, de lazer, entre outros.

6 Conclusão

Neste artigo, tivemos por objetivo analisar discursos produzidos por trabalhadores e trabalhadoras do Século XX, hoje pessoas idosas, todos com mais de 70 anos de idade, sobre as experiências de vida, de trabalho e de lazer, vinculadas ao Açude 25 de Março, localizado no município de Pau dos Ferros. Interpretamos, à luz da Nova Retórica (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 2014), nos discursos que constituem os relatos desses senhores e senhoras, que colaboraram com a pesquisa, elementos de suas memórias que também se constituíram como argumentos para valorização do açude e de suas próprias vidas.

Em síntese, e com base em pesquisa documental, corroborada pelos discursos analisados, o Açude 25 de Março, construído para atender as necessidades da população de Pau dos Ferros, teve origem ainda no Brasil Império, em 1888, em meio a uma grande seca, e foi concluído já no final do século XIX, já no Brasil República.

As histórias contadas por Seu Joel, Seu Milton, Dona Francisca, Dona Baía, Dona Ciça Preta e Dona Adalcina, colaboradores da pesquisa e oradores dos discursos aqui analisados, relatam muito das atividades que ali se desenvolviam, dos modos de vida do meado do século passado, na cidade de Pau dos Ferros, e, principalmente, nas localidades do Riacho do Meio e do Sítio Alagoinha. Os colaboradores relataram experiências sobre o trabalho, sobre a plantação e colheita de frutas e verduras, sobre o uso da água para o consumo das pessoas e animais e sobre os banhos de açude. Os modos de construir os discursos vão da memória individual, quando esses senhores e senhoras relatam experiências sobre si, na relação com o 25 de Março, à memória coletiva, quando envolvem pessoas da época e experiências a elas relacionadas.

A presença como recurso argumentativo, por meio de imagens descritas ou narradas, é muito utilizada para fazer o ouvinte entender as histórias, para ilustrar as opiniões e acontecimentos, para reforçar teses e argumentos defendidos. É o caso, por exemplo, da casa de pote vazio (de Dona Ciça Preta), da colheita e compra de frutas (Dona Baía), dos banhos às escondidas (Seu Joel) e, até mesmo, da grande construção/reforma do açude (Dona Adelça).

Tendo em vista os argumentos relacionados à vida dos oradores, ao falarem de um açude, de um equipamento público de uso coletivo, vinculando-o às vidas das pessoas da comunidade e às suas próprias memórias, podemos encerrar essas considerações reafirmando a necessidade de serem ampliados os estudos sobre os discursos de sujeitos (oradores) e que se apresentam em documentos, que constituem outros importantes equipamentos e edificações públicas do bairro Riacho do Meio, de Pau dos Ferros como um todo. Ressaltamos, por último, que, com esse estudo de discursos, argumentação e memórias de trabalhadores do século XX sobre o Açude 25 de Março, esperamos ter contribuído tanto para as pesquisas em torno dos discursos, das memórias de idosos, da argumentação retórica, como também para os estudos sobre memória e cultura de Pau dos Ferros, da região do semiárido nordestino e do povo brasileiro como um todo.

Referências

ALVES, M. L.; SOUZA, G. S. Argumentação em discursos sobre formação superior e atuação na área de Letras: análise em relatórios de estágio supervisionado. **Linha d'Água**, v. 29, p. 271-293, 2016.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FREITAS, A. M. **Pau dos Ferros centenário** – sinopse. Mossoró. Editora Comercial, 1956.

HALBWACHS, M. **Memória coletiva**. Traduzido por Laurent Léon Schaffter. 2. ed. São Paulo: Editora Revista dos tribunais, 1990.

LE GOFF, J. **História e memória**. 7. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2013.

LEAL, L. A. M. Memória, rememoração e lembrança em Maurice Halbwachs. In: **Revista Linguagem**, São Carlos, SP, V. 18, n. 1, p. 1-8, 2012.

LIMA, S. J. B de. **Discursos que constituem a comunidade Riacho do Meio**: argumentação em 'lembranças de velhos'. 319 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros, 2017.

MEDEIROS, H. **Massilon**: nas veredas do cangaço e outros temas afins. Natal, RN: Sarau das Letras, 2010.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. O. **Tratado da argumentação**: a Nova Retórica. Tradução de Maria Ermantina G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SILVEIRA, E.S. História oral e memória: pensando um perfil de pesquisador etnográfico. In: **METIS: História & Cultura**, São Carlos, SP, v. 18, n. 12, p. 35-44, jul./dez. 2007.

SOUZA, A. F de. **Um anão na montanha**: lembranças. Mossoró, Coleção Mossoroense, 1999.

SOUZA, G. S.; COSTA, R. L; SÁ M. D. C.; Alves, M. L. As técnicas argumentativas em diferentes esferas da comunicação: proposta de análise em textos jornalísticos, lítero-musicais, jurídicos e acadêmicos. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 14, p. 142-164, 2016.

SOUZA, G. S; COSTA, R. L; MOREIRA, M. C. F. O que diz o egresso de um curso de letras sobre sua formação: argumentação em discursos sobre o ensino superior. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 1, p. 387- 404, 2017.

SOUZA, G. S; SOUSA, M. S. C.; MOREIRA, M. C. F. A educação como espaço de superação de indiferença e discriminação social: argumentação e identidades em depoimento de uma professora universitária. **Identidade!** (Online), v. 21, p. 80-90, 2016.

SOUZA, G. S; COSTA, R. L; BARBOSA JUNIOR, F. F. A argumentação em discursos sobre o ensino superior na UERN: sentidos que constituem o *Campus* de Pau dos Ferros. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 02, p. 63-75, 2012.

PAU DOS FERROS. REVISTA COMEMORATIVA DO BI-CENTENÁRIO DA PARÓQUIA E CENTENÁRIO DO MUNICÍPIO DE PAU DOS FERROS, 1756 – 1856 – 1956. Centro de Imprensa S.A, Natal. Dezembro de 1956.

Data de recebimento: 5 de julho de 2017.

Data de aceite: 8 de dezembro de 2017.